



Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Departamento de Medicina - DMed



Karla Caroline Teixeira

Narrativas e Encontros - Experiências de uma Indígena Pankararu no Curso de Medicina da
Universidade Federal de São Carlos

São Carlos - SP

2023

Karla Caroline Teixeira

Narrativas e Encontros - Experiências de uma Indígena Pankararu no Curso de Medicina da Universidade Federal de São Carlos

Trabalho de conclusão do curso apresentado à Coordenação do Curso de Medicina da Universidade Federal de São Carlos como parte das exigências para obtenção do título de Médico.

Orientador: Prof. Dr. Willian Fernandes Luna

São Carlos - SP

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Departamento de Medicina

Folha de aprovação

O Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Karla Caroline Teixeira, do curso de Medicina, intitulado "NARRATIVAS E ENCONTROS - EXPERIÊNCIAS DE UMA INDÍGENA PANKARARU NO CURSO DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS", foi aprovada em 24/01/2023.



Documento assinado digitalmente
WILLIAN FERNANDES LUNA
Data: 25/01/2023 07:50:30-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Willian Fernandes Luna (orientador)

DMed - UFSCar

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter chegado até este momento, por ter me dado uma mãe, mais conhecida como Dora, e um tio, o famoso tio Zelão, que foram os primeiros a me apoiar nessa jornada que é o ensino superior. Agradeço pela honra de fazer parte de um povo tão maravilhoso, que é a minha gente de Pankararu. Espero tê-los representado bem.

Foram longos anos estudando aqui, e, nesse percorrer, encontrei pessoas muito especiais, que de alguma forma me ajudaram a chegar onde estou, alguns foram amigos, alguns conhecidos e outros irmãos - ou parentes, como costumamos dizer. Alguns ainda falo sempre, outros nem tanto, e outros, hoje, infelizmente, só por lembranças da vida. Não mencionarei nomes, mas saibam que em minha mente e coração todos estão.

Meus agradecimentos aos meus professores que foram meus orientadores e modelos de pessoas, e os quais tenho um carinho enorme: Roseli Rodrigues de Mello, Fernanda Vieira Rodovalho Callegari, Thaís Juliana Palomino, Blas Segovia, Esther Angélica Luiz Ferreira e Willian Fernandes Luna.

E por fim, para todos os pacientes que foram muito pacientes comigo.

“Eis meu pobre elefante, pronto para sair, à procura de amigos, num mundo enfastiado, que já não crê nos bichos, e duvida das coisas, ei-lo, massa imponente, e frágil, que se abana, e move lentamente, e pele costurada, onde há flores de pano, e nuvens, alusões, a um mundo mais poético, onde o amor reagrupa as formas naturais”

O elefante - Carlos Drummond de Andrade

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso servirá como instrumento de avaliação do Curso de Medicina e tem o caráter somativo. Dessa forma, foi elaborado de acordo com as Diretrizes do Projeto Político Pedagógico do Curso de Medicina, consistindo em uma narrativa autobiográfica sobre minha experiência como estudante no curso de Medicina da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), representando uma síntese de meu desenvolvimento durante o período da graduação. Está dividido em ciclos, acompanhando os três ciclos do curso, iniciado por um breve relato do por quê Medicina e por quê UFSCar, trazendo assim, os motivos que me fizeram optar pela Medicina e finalizado, após, com as experiências vivenciadas nos três ciclos, e nas atividades realizadas fora da grade curricular, mas que me engrandeceram pessoal e profissionalmente para o futuro.

Palavras chaves: formação médica; narrativa crítico reflexiva; medicina.

Resumen

Este trabajo de fin de grado servirá como herramienta de evaluación del Curso de Medicina y tiene un carácter sumativo. Así, fue elaborado de acuerdo con las Directrices del Proyecto Político Pedagógico de la Carrera de Medicina, consistente en una narración autobiográfica sobre mi experiencia como estudiante de la carrera de Medicina en la Universidad Federal de São Carlos (UFSCar), representando una síntesis de mi desarrollo durante el período de graduación. Está dividido en ciclos, siguiendo los tres ciclos de la carrera, comenzando con un breve relato del por qué de la Medicina y del por qué de la UFSCar, trayendo así los motivos que me hicieron elegir la Medicina y finalizando, posteriormente, con las experiencias vividas en los tres ciclos, y en las actividades realizadas fuera del plan de estudios, pero que me hicieron personal y profesionalmente mejor para el futuro.

Palabras clave: formación médica; narrativa crítica reflexiva; medicina.

Sumário

1. Introdução	9
2. A escolha do curso: Por que Medicina e Por que UFSCar?	10
3. Ciclos educacionais	11
3.1 Ciclo I	11
3.2 Ciclo II	13
3.3 Ciclo III	15
3.4 Eletivas	18
4. Mais além da graduação - Atividades Extracurriculares	19
5. Principais produções	27
5.1 Publicações	27
5.2 Trabalhos Apresentados	28
5.3 Trabalhos premiados	29
6. Conclusão	30
7. Referências	32
8. Apêndices	33
9. Anexos	37

1. Introdução

Aqui, neste trabalho, compartilho com vocês minhas experiências e impressões vivenciadas nestes quase oito anos de Medicina UFSCar. Passei por um trancamento do curso, por um intercâmbio, e por uma pandemia. Foram muitos momentos que passei, bons e ruins, onde, para conseguir me manter nessa jornada, contei com o apoio de amigos, de coletivos e de professores que se tornaram referências para mim.

Deste modo, me apresento a vocês. Me chamo Karla, pertenço ao povo Pankararu-SP, iniciei minha graduação em Medicina no ano de 2015, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) por meio de ações afirmativas. No mesmo ano entrei para o grupo PET (Programa de Educação Tutorial) Indígena Ações em Saúde, no qual tive a oportunidade de participar de vários projetos de ensino, pesquisa e extensão. Fiz parte da organização do primeiro e terceiro Encontro Nacional de Estudantes Indígenas (ENEI). Realizei um intercâmbio de um ano na Espanha, no ano de 2018, pelo edital Abdias do Nascimento, com o projeto Estudos Indígenas, na Universidad de Córdoba-Co. Contribuí com o projeto de extensão "Rodas de Conversa Sobre Saúde dos Povos Indígenas" entre os anos de 2016 a 2020. Atuei como representante em conselhos estudantis, sendo eles o Conselho de Assuntos Comunitários e Estudantis (Coace), Conselho de Graduação (Cog) e o Centro de Culturas Indígenas (CCI). Fiz parte da diretoria da Liga Acadêmica de Saúde Mental (LASM) que também tinha como objetivo o ensino, pesquisa e extensão. Fui bolsista de Iniciação Científica pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) na UNESP (Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho") com o projeto As Experiências de Estudantes Indígenas nos cursos Públicos de Medicina no Brasil e, por fim, escrevi este relato enquanto estou no sexto ano no curso de Medicina.

2. A escolha do curso: Por que Medicina e Por que UFSCar?

A UFSCar, mesmo antes da Lei nº12.711 (Lei de Cotas), já possuía o vestibular específico para estudantes indígenas, disponibilizando uma vaga adicional em cada curso da instituição. Isso, sem dúvida, foi uma das questões que me levaram a escolher estudar nessa universidade que, pelas minhas experiências pessoais, conta com pessoas que trabalham no programa de ações afirmativas que se preocupam e entendem a importância da formação de profissionais indígenas, sejam eles da saúde ou não, para representar suas respectivas comunidades.

Antes mesmo de entrar na Medicina, já havia passado por outro curso aqui na UFSCar, o de Engenharia Civil, ao qual não me adaptei e não me via trabalhando. Neste mesmo período, morava com outra estudante indígena do curso de Medicina, que foi a maior incentivadora para minha escolha pela Medicina. Com isso, já se sabe que não era um curso almejado por mim em um primeiro momento mas que, com o processo de decidir qual rumo daria em minha vida e pensando em como poderia escolher uma profissão que pudesse retribuir com o meu trabalho para a minha gente e para os diversos povos indígenas existentes no Brasil - que precisam não só de apoiadores na luta de seus direitos, mas, melhor ainda, de representantes indígenas nesses locais - enfim optei por este curso, uma área em que a falta de profissionais é alta, pois a maioria dos médicos não querem ir, seja por desconhecimento, por não querer mesmo ou pelo trabalho insalubre que muita das vezes ocorrem na Saúde Indígena. Desse modo, entendo que a formação de indígenas nos cursos de Medicina favorece a presença desses profissionais, quando formados, em localidades remotas, sendo em seus próprios povos ou de outros povos indígenas, o que pode levar a uma melhoria nos serviços de saúde. Saliento que apesar de não ser uma obrigatoriedade a volta para suas respectivas comunidades, entendo, assim como diversos amigos meus, que tenho que dar um retorno para meu povo, ou mesmo para outros povos, já que para estar aqui hoje, muitos antes de mim lutaram por este lugar.

3. Ciclos educacionais

O curso de Medicina é desenvolvido a partir de um currículo integrado e tem uma duração mínima de 6 anos. É dividida em 3 ciclos educacionais: Integralidade do cuidado I, correspondente aos primeiro e segundo anos letivos; Integralidade do cuidado II, terceiro e quarto anos letivos e Integralidade do cuidado III, correspondente ao internato, quinto e sexto anos letivos.

Dentro de cada ciclo, há uma atividade complementar, que chamamos de eletiva, destinada para que o aluno com ajuda de um orientador, em um período com carga horária de 210 horas, realizado em um momento já estabelecido em grade curricular, realize alguma atividade de cunho acadêmico, científico em áreas afins à Medicina, com o objetivo de complementação curricular do curso, sendo ela realizada em qualquer local que tenha ou se disponibilize com a formação do aluno em questão.

3.1 Ciclo I

- O período de adaptação

Hoje, fazendo uma retrospectiva deste ciclo, percebo que é um momento em que a parte mais importante é de adaptação. Principalmente à nova metodologia de ensino ativa. Estudar sozinha não é tarefa fácil, principalmente as matérias básicas. E ter que explicar esses conteúdos foi mais complicado ainda; ou seja: além de aprender o conteúdo, a gente tem que aprender a passá-lo para outros também. Foi bastante desafiador, e ainda é nos dias de hoje, mas com o tempo a gente vai aprendendo o processo de aprender a aprender e aprender a ensinar. Assim, além deste primeiro fato, tivemos que nos adaptar a um novo ambiente, a novas pessoas e ao fato de estarmos longe da família.

Muitos colegas, já desde o início, foram criando estratégias para conseguir se adaptar melhor e assimilar tudo o que tínhamos para estudar, como assinar cursos que vão desde o ciclo básico da graduação até a preparação para as provas de residência, procurar vídeo-aulas no youtube para conseguir assimilar o conteúdo estudado por eles em livros ou artigos, ou mesmo, contando com a ajuda de materiais que veteranos guardavam já pensando nos próximos que iriam entrar, que foi o meu caso.

Outro ponto importante deste ciclo, é o fato de começarmos a aprender a lidar com críticas, o que, aqui em nosso meio, deveria se tratar das críticas construtivistas, apesar de muitas vezes

a parte da construção ser esquecida, seja pelos próprios colegas que estão nesse processo de aprender a fazer críticas, e muitas vezes atacam o outro aluno, seja pelos próprios professores, que aqui nesses primeiros dois anos são poucos, criticam de uma forma não ajudando o aluno a tentar melhorar, mas julgando-o ou mesmo agindo de maneira que o exponha desnecessariamente para outros colegas. Não que eu pense que nos métodos tradicionais não tenha situações assim, mas quando temos um grupo pequeno de alunos com um facilitador, em que o aluno é o ator principal, ficando muito mais evidente, é uma situação difícil de lidar com as exposições que ocorrem. Nesse ciclo, tive a sorte de encontrar professores e amigos, que demonstravam felicidade e gratificação de ver o crescimento de cada aluno, evidenciando sempre a comparação entre o início e o final de cada semestre. Cada evolução mínima que fosse, foi motivo de alegria, e cada crítica feita, era para que esse aluno melhorasse. Deixo aqui gravado neste trabalho, meu grande carinho ao meu grupo de Estação de Simulação (ES), à facilitadora Valéria, e o de Situação Problema (SP), e a facilitadora Joyce, do primeiro ano de 2015. Evolui muito com todos.

Outra parte muito essencial desse primeiro ciclo, a parte em que iniciamos os primeiros contatos com o Sistema Único de Saúde, correspondente à atividade de Prática Profissional (PP) e Reflexão da Prática (RP), onde íamos a uma unidade de Saúde da Família e acompanhamos alguns pacientes, em diferentes ciclos de vidas. Foi na minha primeira unidade de saúde, a USF Cruzeiro do Sul, que fui bem recepcionada e acolhida, por todos os funcionários e pelos usuários, que nos receberam tão bem em suas residências. Ainda me lembro de cada pessoa que acompanhei nesse período.

No entanto, apesar de ter tido a experiência com dois grupos muito bons, passei por algumas situações que me fizeram afastar do curso no segundo ano e assim, evitar, um adoecimento mental pior do que aquele pelo qual estava passando. Pois bem, esse período de afastamento foi essencial para avaliar e refletir sobre o meu propósito e o que eu queria para o meu futuro e para aqueles ao redor de mim. Após um ano, retornei em 2017, fiz um segundo ano que eu paro e penso hoje que foi o meu melhor ano no curso e na universidade. No ano seguinte, em 2018, fui para a Espanha por um projeto de intercâmbio, o qual mencionarei mais a frente neste trabalho.

3.2 Ciclo II

- Meu retorno

Iniciei meu ciclo II, no ano de 2019, em uma nova turma, em uma fase do curso onde a gente se torna mais ativo, realizando mais atendimentos nas unidades de saúde do município, tendo mais contato com outras unidades além das que já tínhamos no ciclo I e começando a estudar mais além do ciclo básico. Enfim, tudo aqui se torna um pouco mais complexo do que era. Nas atividades de SP, já não tínhamos mais um tempo livre entre o fechamento e abertura de uma nova SP, tempo livre esse que usávamos para estudar ou se aprofundar em algum assunto que não cumprimos na ementa, ou mesmo para descansar, pelo menos dos estudos para esta atividade. As atividades de ES já não eram mais apenas com um professor em específico e sim passando por várias áreas de aprendizado, com cada especialista sendo o professor do momento, ponto positivo desta atividade.

Um das boas lembranças que tenho deste período é de uma situação em que eu estava estudando em uma praça que fica atrás do antigo prédio em que morava dentro da moradia estudantil quando um garoto se aproximou pedindo licença. Disse que era da biologia mas, antes de conhecer esse universo que é o seu curso, seu sonho era fazer Medicina. Ele sabia que eu era da Medicina pois aqui temos o costume de todo calouro usar uma bandana verde, e ele disse que quando me viu ficou muito feliz, pois era raro ver alguém com o nosso perfil. Ele é negro, pobre e vindo de escola pública, e estava no último ano da graduação, depois desse encontro, nos encontramos por algumas vezes ao acaso, em almoços no Restaurante Universitário (RU). Ao final daquele ano, ele me enviou uma mensagem pelo Facebook, falando que já estava para ir embora, mas que antes queria me encontrar e me dar uma lembrança (foto em apêndices). Era um livro de patologia, e, melhor do que isso, uma mensagem, dizendo que ficou muito feliz quando viu uma pessoa parecida a ele, naquele grupo de Medicina, e que, apesar de saber que eu ainda teria um caminho longo pela frente, ele queria que eu chegasse ao final e me tornasse melhor naquilo que eu fosse escolher. Apesar de nunca mais ter tido notícias deste rapaz, aquele gesto levarei comigo sempre. É muito bom encontrar pessoas que nos incentivam neste caminho que às vezes é angustiante.

- Pandemia

No segundo ano do segundo ciclo, no ano de 2020, enfrentamos algo que sequer imaginaríamos. Apesar dos noticiários já estarem falando do novo Coronavírus, aqui ainda

não tínhamos ciência da gravidade do que ainda estava por vir. Iniciamos as aulas, como de costume e na primeira semana teve a recepção dos calouros. A universidade estava cheia, pela cidade estavam acontecendo várias festas ao mesmo tempo - não podemos esquecer que ainda era época de carnaval. Foram duas semanas para recebermos um e-mail institucional da universidade decretando a paralisação pelas duas semanas seguintes. Primeiro pensei que a Medicina não pararia porque era um curso da saúde e talvez alguém precisasse de nós. Não que eu pensasse dessa forma, já que o cenário era de total desconhecimento sobre essa doença, além de, como aluna do quarto ano, acreditar que o nosso papel ali não iria fazer diferença naquele momento - um momento em que o isolamento social seria a melhor coisa que poderíamos fazer por todos. Segundo, porque nosso curso era sempre o último a paralisar quando havia alguma questão na universidade em que os cursos paralisassem. Assim, ficamos de sobreaviso nestas duas semanas mas, como sabemos, foi bem mais do que isso. Houve o incentivo de alguns professores para que a gente não deixasse de estudar neste período, mas era difícil se ater em algo, visto que o mundo todo só estava prestando atenção no tanto de mortes que esse vírus causava, e havia nosso próprio medo de ter alguém próximo falecendo. Ou nós mesmos. Tudo era muito incerto, nossa volta, nossa vida, como iríamos lidar com tudo. Mesmo no auge da pandemia, ainda sem as vacinas, via a organização de alguns alunos para que a gente retornasse o mais breve possível. Achei um pouco falta de noção, empatia ou percepção sobre como tudo aquilo afetava o outro ao lado. Em meio a tudo isso, quando já estávamos há meses sem ter qualquer atividade, foi instituído o Ensino Não Presencial Emergencial (ENPE), carinhosamente chamado de ENPEcilho por algumas pessoas, onde todas as atividades se moldaram para a forma virtual, devido a persistência e manutenção da pandemia. Foi uma medida interessante, lembro-me que à época a universidade disponibilizou recursos para estudantes que não tinham materiais para assistir a aula, abrindo um edital para estes receberem um auxílio de mil e quinhentos reais para a compra de um notebook e outro auxílio para o uso de internet. Porém, esse modelo novo de ensino mostrou algumas falhas como, por exemplo, professores lidando como se a mudança pro online tivesse que seguir a mesma ordem de como era no presencial. Ou como se, pelo fato de estarmos só online, tivéssemos mais tempo para estudar, câmera ligada obrigatoriamente, mesmo se sua internet não estivesse boa, lembro-me de uma ocasião em que minha internet não estava boa, e o professor simplesmente falou que eu teria que “dar o meu jeito” para ela melhorar. Enfim, eu assinava uma banda larga boa, mas nem tudo é cem por cento todo dia, e nem sempre eu posso dar o meu jeito. O que eu levei desse período é que, se a universidade, em especial o curso de Medicina, já não estava preparada para lidar com a saúde mental dos alunos, depois

da pandemia isso se tornou mais gritante. Para aqueles que não sabem, a universidade conta com apenas duas psicólogas para todos os alunos. Assim, a primeira pergunta que ouvi quando fui pedir ajuda foi: "você acha que o seu problema é muito grave e precisa ser atendida logo?". Isso eu também queria saber naquele momento.

3.3 Ciclo III

- Internato - 5º ano

Aqui, temos uma virada de ciclo, com uma mudança, digamos que drástica, em relação aos primeiros ciclos. Devido à pandemia da COVID-19, vínhamos de um quarto ano encurtado e desestruturado. Havíamos ficado muito tempo - o que foi necessário - em paralisação. Com isso, não chegamos da mesma forma como os alunos deveriam chegar a essa fase, houve uma perda muito grande, de práticas e de conteúdo. A maioria dos professores deste ciclo perguntavam o que a gente tinha feito nesse período, já que chegamos com uma grande defasagem. Uma pergunta desnecessária, mas muito presente nesse início.

No segundo semestre de 2021, começamos pelo estágio dos Ambulatórios, onde fazíamos o atendimento no Hospital Universitário (HU), de pacientes vindos da rede, para várias especialidades. Nosso grupo não teve o ambulatório de neurologia, tema pouco visto durante a graduação, por falta de professor que pudesse estar conosco, aquele que seria o responsável estava afastado devido a regra de que professor acima de 60 anos não poderia estar na prática, já que era de um grupo de risco. Como um todo, foi um estágio bom, praticamos bastante a semiologia. Minha única lembrança ruim, a qual um dia espero não dar muita importância, foi a de uma médica, que no caso era para estar ali como professora, mas que não faz o seu papel como tal, já que como ela mesma diz - "não gosto de alunos de graduação, são muito lentos e nunca sabem de nada, prefiro os da residência", enfim, seu papel consistia basicamente em humilhar os alunos, sem importar o peso daquilo para a vida deles.

O segundo estágio foi de Obstetrícia. Um estágio bem organizado, os professores responsáveis o formataram de uma forma em que nós pudéssemos estudar e ter momentos de descanso. Foi um estágio em que o que é aprendido na teoria e o que vemos na prática se destoava muito. Fui chamada a atenção várias vezes por ser mais calada, isso de alguma forma, ao invés de me incentivar, eu acabava me retraindo mais. Porém, entendo que o professor em questão não o fazia por maldade, mas sim querendo tirar o melhor de mim.

O terceiro estágio, já em 2022, foi o de cirurgia, foi algo totalmente novo, meu único contato tinha sido por meio de uma Estação de Simulação. É um estágio bem estruturado, apesar de ter uma carga horária mais extensa que as outras até então. Felizmente, encontramos muitos professores bons, preocupados com a nossa formação, e incentivadores para a nossa melhoria.

O estágio de clínica médica era o estágio que eu mais estava esperando, afinal a clínica é soberana, como dizem. Foi o mais pesado, sem dúvida. A pressão por parte dos professores e facilitadores eram maiores, por vários momentos havia nas entrelinhas certos julgamentos por não saber sobre, ou não saber o suficiente para um aluno de quinto ano. Não posso dizer que os professores ou facilitadores eram ruins, mas acho que faltava um pouco de tato para lidarem com alunos, principalmente aqueles que não seguem o perfil dos demais. Foi um momento em que minha vida pessoal não estava bem, além de haver a preocupação com o corte de bolsas e perdi, afinal uma bolsa importante para minha manutenção aqui na universidade. No último dia de estágio, uma professora virou e disse que viu ao longo do estágio que algumas pessoas não estavam bem e que, se caso a gente necessitasse, poderíamos pedir ajuda a ela. Valorizo ela ter mencionado aquilo, porém, se tivesse que acontecer algo, não seria no último dia que ela deveria falar.

Por fim, terminamos o quinto ano com o estágio de Pediatria. É um estágio em que todos os professores e facilitadores foram muito acolhedores, procuravam nos incentivar quando a gente não sabia de um assunto, sem julgamentos, o que o tornou mais leve. Foi aqui que o medo do atendimento às crianças foi se dispersando, que se tornou mais uma possibilidade de atuação futura. Estudei bastante, aprendi bastante, saí com muitos assuntos que queria aprofundar. Foi aqui que eu entendi que se eu não sei, tudo bem, deveria saber, mas isso não impede você de correr atrás das tuas defasagens.

- Internato - 6º ano

Quando o sexto ano começou surgiu um novo sentimento: o de insegurança quanto ao nosso futuro. É o momento em que, apesar das várias dúvidas sobre as áreas que temos afinidade, temos que por fim escolher uma. Alguns estágios mudam, como o dos Ambulatórios, que dá a vez ao de Saúde da Família e Comunidade, que foi dividido em 3 nichos: Saúde da família, Saúde Mental e Saúde do trabalhador; na Saúde da família tive o prazer de ter como médica de saúde da família preceptora, uma ex-aluna da UFSCar, além de uma outra médica da outra equipe, também egressa da UFSCar. É muito legal encontrar esses exemplos fora que estão dando certo. Entre os professores, havia um que que lidava mais com a parte teórica e trouxe

uma vastidão de conhecimentos sociológicos, psicossociais das situações-problemas que levávamos da nossa prática. Foi muito bom, atender determinado paciente, levar o atendimento para discussão em grupo, e se deparar com tanta coisa que a gente deixa passar, mas ali com o grupo, chegando a questões que poderiam ser tratadas futuramente com o paciente. Tive a sorte de cair numa unidade de saúde, a Unidade de Saúde da Família Cruzeiro do Sul, a mesma do primeiro ciclo, muito boa, com funcionários no geral que recebem muito bem os alunos, e senti parte daquela equipe.

A parte de Saúde Mental, foi excepcional, foram poucos os momentos de aproximação, então foi muito oportuno, passar pela parte da enfermaria, foi coisa de outro mundo, me senti por diversas vezes enganada pelos pacientes. Nossa mente consegue ser muito astuta (risos). Vi que temos muitos professores e facilitadores bons que poderiam, isso partindo da coordenação do curso, ou da própria universidade, trazer um pouco mais sobre as questões da saúde mental dos universitários para dentro da universidade.

A saúde do trabalhador não havia sido tema de discussão em nenhum momento do curso, ao menos como tema principal, e passou a fazer parte da grade curricular recentemente, tendo representado momentos essenciais de aprendizado. Ainda falta a parte de cenários práticos para esta atividade, mas vi o esforço por parte de nossa professora para fazer dar certo. Caminhos e metas já estão sendo trilhados e pensados. Desejo que a próxima turma já encontre essa parte mais estruturada.

O estágio seguinte foi o de ginecologia. Apesar de o estágio ser em sua grande maioria a parte da ginecologia, ainda tínhamos obstetrícia. É um estágio em que houve tempo para tudo, para estudar o que vemos nas práticas, estudar o que está programado para as atividades teóricas, e ter momentos fora do curso. Em uma das atividades, tivemos o ambulatório de sexualidade, foi extremamente necessário, e fico feliz por ter tido esse contato, quanto aprendizado tivemos, e quantos preconceitos jogamos fora. É uma das melhores partes desse estágio. Nossa única perda foi ter uma enfermaria que tinha poucos pacientes, às vezes nenhum, não que isso fosse culpa dos professores ou do serviço. Mas, de qualquer forma, tiramos proveito de todos os assuntos.

No estágio da saúde da criança foi o que mais me senti segura e feliz em realizar, assim como no quinto ano, com cenários mais presentes na Santa Casa de São Carlos, e tendo agora, a oportunidade de ter contato com outros alunos de outras universidades, é um momento que

eu avalio como bom, pois saber que apesar de vir de um método de ensino diferente do deles, mantemos um nível parecido.

A cirurgia do sexto ano apresenta alguns pontos negativos, ao menos no que se refere ao meu grupo, que está passando neste exato momento. Muitos professores saíram de férias, e suas atividades não foram substituídas por outras e nem foram realocados professores para a mesma. A gente perde bastante com essas questões, principalmente em áreas que provavelmente não teremos tanto contato após o término da graduação. A melhor parte deste estágio é a da enfermagem, conseguimos aproveitá-la ao máximo.

Ainda falta passar pelo último estágio que é a clínica médica, e espero que seja um período tranquilo e com muitos aprendizados!

3.4 Eletivas

As atividades de Eletivas podem ser feitas em áreas em que o aluno mais sente necessidade, ou mesmo com as quais possui alguma afinidade. Em minhas 3 eletivas, escolhi fazer a grande maioria em diferentes unidades básicas de Saúde da Família aqui do município de São Carlos, buscando ter uma visão mais ampla do dia a dia da unidade de saúde, uma área que possuo interesse após minha graduação, além de ser de fácil locomoção para mim, pois se escolhesse outro lugar teria que me preocupar com questões financeiras, como aluguel de quarto e demais gastos básicos. Uma parte desta carga horária, utilizei bases como o UNA-SUS (Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde), onde cursos online que foram e são de grande valia no auxílio de minhas práticas, tanto para aquele momento ao qual eu estava passando, quanto para atividades que eu tive após.

Uma reflexão que faço, não só desta atividade, mas as que temos também na grade curricular, é de ouvir uma vez de um professor que nosso curso prepara os alunos para, na verdade, quatro ciclos, sendo os três primeiros ainda na graduação, e o quarto pós formação, que é quando utilizamos a mesma dinâmica para buscar novos conteúdos ou saber onde buscar os assuntos que estamos vendo na prática profissional, e isso é totalmente verdade, tudo o que vemos aqui serve para isso mesmo: saber onde vamos precisar nos aprofundar mais.

4. Mais além da graduação - Atividades Extracurriculares

Pela forma como entendo o meu papel dentro da universidade, não fiquei somente nas atividades destinadas somente ao currículo da Medicina. Dessa forma, procurei participar de outras atividades que influenciaram tanto na minha permanência quanto no fortalecimento de outras pessoas, foram atividades que me engrandeceram enquanto pessoa, no convívio e busca de direitos de permanência dentro da universidade, e no aprender a me expor mais. Deste modo, coloco em evidência, algumas das atividades que realizei durante esse período.

a. Coletivo de estudantes indígenas

O centro de culturas indígenas (CCI) da UFSCar fica em uma sala de aula, cedida provisoriamente desde o ano de 2013, no campus de São Carlos. Foi criada para ser um local onde o coletivo, de mesmo nome, com o intuito de fortalecer e reafirmar a identidade cultural, promovendo e garantindo o protagonismo dos povos indígenas presentes neste ambiente. Buscando sua autonomia e luta por seus direitos e melhorias dentro e fora da universidade, de forma em que favoreça a permanência dos estudantes indígenas no meio acadêmico. Foi, principalmente, com esse coletivo que me mantive como base para minha permanência na universidade e no curso. E o qual procurei sempre me manter ativa, visto que apesar de ter conseguido entrar por meio de ações afirmativas, entendo que ainda teriam e terá outros mais como eu que precisam que este espaço esteja aberto quando forem suas vezes de entrar no ensino superior. Organizei como parte deste coletivo, o I e III Encontro Nacional de Estudantes Indígenas, hoje em sua nona edição, que conta com debates como o protagonismo indígena sobre questões referente aos indígenas, seja no âmbito acadêmico, mas fora dele também, ou seja, que influenciam um ao outro. Participei de tutorias e monitorias acadêmicas, conseguidas por meio de demandas do próprio coletivo, que me possibilitaram ajudar em assuntos que eram difíceis de entender sozinha, já que estou em um curso em que a formação é centrada no aluno, sem ter a figura do professor que fica na frente da sala explicando a matéria.

b. PET Indígena Ações em Saúde

É um grupo criado em 2010, com o objetivo da construção de uma aprendizagem coletiva e interdisciplinar formada por estudantes indígenas de diferentes cursos de graduação, orientado na época por uma professora do curso da Medicina, Fernanda Vieira Rodovalho Callegari, à qual tenho um carinho enorme. Entrei nesse grupo em 2015 e a partir dele

desenvolvi atividades educativas de promoção de saúde e prevenção dos agravos prevalentes na população, principalmente na população feminina e infantil; projetos de pesquisa para levantamento das condições de saúde das comunidades populares rurais e urbanas do município de São Carlos e das comunidades indígenas que cada aluno possuía vínculo. Foi um grupo em que me permitiu desenvolver habilidades de comunicação - que eram 0% ao início -, me permitiu lidar com o trabalho em equipe com pessoas de vivências totalmente diferentes às minhas, o que, de certo modo, era muito parecido com a dinâmica do curso de Medicina. Por meio deste grupo fiz parte desde o início do projeto de extensão intitulado “Rodas de Conversa sobre Saúde dos Povos Indígenas”, projeto que teve uma influência muito grande na maneira que quero lidar profissionalmente. Ele tem o objetivo de proporcionar um espaço para se conhecer e refletir sobre a complexidade que é a saúde das diversas comunidades indígenas existentes no território brasileiro, dialogando, assim, sobre as diferentes culturas, concepções do processo de saúde-doença, do subsistema de saúde específico, permitindo para quem estivesse presente nessas rodas de conversa uma aproximação inicial sobre o contexto de saúde indígena no Brasil.

Aqui deixo o site das Rodas de Conversa: <https://cursosaudeindigena.wordpress.com/>

c. Liga acadêmica de saúde mental (LASM)

A LASM foi outro projeto extracurricular que me permitiu adentrar sobre assuntos específicos da saúde mental. Foi um projeto que envolvia os diversos cursos de saúde da universidade, o que possibilitava ver os diferentes olhares sobre um mesmo tema. Era uma liga que seguia uma metodologia ativa e que, conseqüentemente, me permitia vivenciar a metodologia em outros ambientes, refletindo até quais eram as barreiras que eu de fato tenho no curso, que me fazia ser mais comunicativa ali do que no meu próprio curso. Foi um período muito gratificante, aprendi muito. Via, e ainda vejo, que tenho muito a aprender com os nossos colegas de outras áreas da saúde. Vejo que é uma pena o curso de Medicina ser tão fechado, sem ter contato com essas outras áreas - áreas essas que estarão no nosso grupo de trabalho futuramente. Por que não começar agora?

d. Intercâmbio no exterior (Espanha)

Por meio do edital Abdias do Nascimento, destinado a relações etnoraciais, educação indígena e tecnologia assistida, com o projeto “Estudos Indígenas”, estudei por um ano na Universidad de Córdoba, em Córdoba na Espanha, orientado pela poderosa professora Roseli

Rodrigues de Mello, responsável a pelo projeto aqui no Brasil, e pelo querido professor Blás Segovia responsável na Espanha. Ali, além das aulas no curso de Medicina, desenvolvia atividades junto a professores da universidade de lá, também coordenadores do projeto, levando a experiência das ações afirmativas para as minorias aqui do Brasil, falamos sobre nossas experiências, e a cada encontro discutimos sobre a UFSCar, sobre os povos indígenas que estão nela, sobre nosso povo, qual a importância das ações afirmativas para nós. E ouvimos também, como por exemplo sobre como é a dinâmica na Espanha em relação aos povos minoritários, e o que eles pensavam sobre esse assunto. O que eu acho bacana é que, sempre quando possível, os professores traziam alguns alunos para conversar conosco, alunos que estão para se formar ou que já se formaram e já trabalham com os povos minoritários da Espanha. Foi uma troca imensa pois, ao mesmo tempo que expusemos o que passamos no Brasil, eles contavam sobre a experiência deles ou de como eles imaginavam que poderiam mudar certos cenários na educação dessas minorias. Foi um período muito gratificante, dentro do próprio curso de Medicina, experienciando uma metodologia tradicional, ao qual tenho minhas críticas, percebi que o modo como eles estudam é bem mais complexo que o nosso. Se antes eu pensava que eu tinha muito conteúdo em um semestre na UFSCar, agora já não penso mais. As aulas em si, seguem um cronograma bem rígido e é muito conteúdo, muita leitura pra assimilar. O professor chega na sala e é só conteúdo atrás de conteúdo. Porém eu senti que falta às vezes debate sobre determinados assuntos, do aluno expor sua opinião daquilo que ele está aprendendo. Mesmo assim eu também gostei, porque entendo hoje que há certos assuntos que é difícil aprender sozinha e que talvez uma metodologia que mescla o tradicional com metodologia ativa facilitaria no nosso aprendizado. Tive sentimentos parecidos com os que tive aqui na UFSCar, afinal, em ambos ambientes me sentia como alguém de fora. Ali de fato era uma estrangeira, mas aqui na UFSCar, apesar de ser brasileira, tive experiências de ter minha identidade negada, e até relacionada com se parecer estrangeira.

Para além das questões relacionadas ao curso e ao projeto, conheci muita gente diferente, de culturas muito distintas, de lugares que alguns até cheguei a visitar. É uma gente que considero como amigos e que mantenho contato até hoje e espero revê-los pessoalmente para lembrarmos juntos desse período tão bom e tão inesquecível. Ainda guardo os recados que alguns deixaram para mim, com carinho.

e. Pesquisa FAPESP

No período de 01 de junho de 2020 a 31 de maio de 2021, desenvolvi a pesquisa intitulada “As Experiências De Estudantes Indígenas Nos Cursos Públicos De Medicina No Brasil”, sob orientação da maravilhosa professora Eliana Goldfarb Cyrino da Faculdade de Medicina de Botucatu da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho”, e do professor Willian Luna Fernandes, da Universidade Federal de São Carlos. Foi uma pesquisa que buscou compreender as experiências de estudantes indígenas que cursam a graduação em Medicina em universidades federais, a partir de suas narrativas. Inicialmente realizamos um mapeamento dos indígenas que estão estudando Medicina nas diversas universidades federais no Brasil, com utilização do método da Bola de Neve e questionário, totalizando 192 estudantes. Concomitantemente, foram realizadas 06 rodas de conversa, em 06 diferentes instituições, em 04 regiões geográficas brasileiras. Participaram um total de 25 estudantes indígenas nas rodas de conversa. Foi realizada análise temática de conteúdo dos materiais, buscando-se inicialmente avaliar quanto à sua qualidade e suficiência. Posteriormente, para análise de conteúdo a partir da perspectiva qualitativa, foram realizados os procedimentos de categorização, inferência, descrição e interpretação. Foram definidas três categorias de análise: experiência da chegada às instituições; vivência de preconceito e racismo nas relações; e construções a partir da presença na escola médica. A partir desses resultados, foi possível aproximar-se das experiências vividas a partir da presença destes indígenas nas escolas médicas públicas brasileiras, trazendo à tona as principais potencialidades, fragilidades e formas de superação que esses estudantes vivenciam. Foi um projeto grande, me vi por vários momentos dentro dos depoimentos. Mesmo sendo de universidades diferentes, a maioria das histórias se repetiam, são diferentes pessoas de diferentes povos que quando entram no curso acabam por se tornar um, compartilhando deste modo vivências/experiências na maior parte das vezes comuns. Os depoimentos se conversam, muitos deles angustiantes e tristes. A cada conversa, constatei que essa luta que ocorre há mais de duas décadas ainda permanecerá por um longo período, mas que temos que seguir firmes, sempre com o pensamento de que podemos melhorar não só o acesso como a permanência do indígena nas universidades públicas brasileiras.

f. Curso - Narrativas em Saúde

Narrativas e Encontros: Formação e Cuidado em Saúde, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) foi um curso na modalidade virtual, com atividades assíncronas e síncronas, que realizei no ano de 2020, com alunos e professores da área da saúde de outras universidades, onde nós nos separávamos e formávamos pequenos grupos.

Um dos objetivos do curso era aprimorar nossas competências narrativas na saúde, por meio do diálogo interdisciplinar e interprofissional. Fazíamos a leitura de textos literários e imagens e a escrita reflexiva sobre os mesmos, assim, todos nós, juntamente, aprendemos, como poderíamos melhorar a colaboração interprofissional e, assim, qualificar o cuidado e a assistência à saúde de pacientes, famílias e comunidade. Um dos momentos que mais gostei das partilhas deste curso foi um diálogo que tive com um médico, formado há alguns longos anos. Aqui neste trabalho, irei compartilhar duas narrativas que aprecio muito. Uma delas, foi sobre esse compartilhamento que tive com esse médico/professor, e o outro sobre o momento que estava passando, que era o início da pandemia. No total, foram sete narrativas, com cada uma tendo um tema diferente, que compartilhamos com o nosso grupo, onde cada um poderia comentar sobre nossa narrativa, indicar leituras para a nossa reflexão, ou mesmo contribuir com mais experiências.

Narrativa: Partilhas

A experiência que tive no compartilhamento das narrativas foi prazeroso e enriquecedor. Foi algo totalmente novo, gerando até um pouco de ansiedade antecipada. Porém foi tão natural, que parecia que já conhecia minha dupla, não nos atentamos somente as devidas leituras, foi um tempo tão precioso que nem lembrei da caneta e papel para o registro da conversa, e com a caneta e papel esquecidos ali do lado da tela compartilhamos um pouco de nossas trajetórias e das escolhas que nos fizeram estarmos aqui hoje.

A escolha de qual narrativa ler ficou a cargo de cada um, eu preferi ler a narrativa que contava a origem do meu nome, por ser algo específico só meu, servindo até como apresentação, já que não imaginava como seria compartilhar algo com uma pessoa que eu não conhecia. Já Walter, escolheu a tarefa 2: O diálogo entre profissionais e pacientes, coincidências do destino ou não, ambos escolhemos as narrativas que o outro queria que fosse lida.

A leitura da minha narrativa me fez lembrar da frase que diz que não há ninguém melhor no mundo para contar sua história do que você mesmo, sendo assim, a maneira como pensei quando estava escrevendo foi transmitida como tal, tornando-a de certa forma viva, dando então minhas entonações a cada frase dita.

O legal é que nossos próprios textos serviram como disparadores em nosso diálogo, quando terminei minha leitura, contei com mais detalhes sobre o meu texto, sobre o trauma da minha

mãe com nomes, ele contou sobre o origem do nome dele, conversamos sobre o nome de nossos familiares, a questão dessa representação que o nome do meu povo trás para mim, enfim, foram muitos nomes lembrados.

A narrativa que ele leu realmente foi a que eu queria, quando fui escrever a minha, algo que comentei com ele, ainda tinha a sensação de ter um olhar meio imaturo por conta da pouca experiência com o assunto, e ele como alguém que já está há três décadas nessa jornada, teria um outro olhar, com talvez mais embasamento. Sua trajetória foi muito bonita, sua escolha por trabalhar em uma área pouco conhecida a época e com tantos desafios, é algo que se tem a espelhar. De acordo com que ele avançava na leitura, eu imaginava as cenas, e definitivamente desejava aquilo para mim. Confessei a ele, que daqui a alguns anos, ficaria muito feliz em poder contar sobre uma jornada parecida a dele.

O maravilhoso de todas as narrativas, e deste compartilhamento, é que elas estão me fazendo refletir sobre todo esse caminho percorrido por mim até hoje, e têm me feito pensar e repensar sobre a forma que quero seguir daqui em diante.

Narrativa: A pandemia e eu

Esse período tem sido de uma mistura de sentimentos, com alguns predominando em alguns dias a mais que outros. Ao início quando a doença não havia chegado aqui, inocentemente acreditava que seria algo distante, tenho alguns amigos que moram na Europa, que já estavam de quarentena, e perguntavam para mim como estava o Brasil, até então aqui estava normal. Em seus relatos, eles reclamavam que muitas pessoas não estavam respeitando as medidas de quarentena imposto em seus países, pensei nesses momentos de desabafos como se daria esse processo de quarentena aqui no Brasil, me perguntando se as pessoas daqui iriam de fato aderir.

Sei que aqui em nosso país temos um péssimo pensamento de que lá fora tudo é melhor do que aqui, que tudo lá fora funciona da melhor maneira, de que nosso presidente é o pior de todos, esta última é verdade mesmo, acredito que Trump e Bolsonaro fizeram uma aposta para ver quem é o pior e, infelizmente, Bolsonaro está ganhando. Não esquecerei as discussões que tive com familiares por conta do infortúnio de alguns deles apoiarem este presidente, mesmo após ele ter feito vários pronunciamentos minimizando a pandemia, chamando-a de apenas uma gripezinha. Infelizmente essa gripezinha que chegou a nossas comunidades tem levado muitas memórias vivas dos nossos povos, entes queridos que ainda

teriam muito a aproveitar dessa vida. A doença que acreditávamos que fosse só da elite, havia chegado com tudo no resto da população.

Pois bem, a reação das pessoas aqui ao início foram meio desesperadoras, a sensação que me pareceu quando ligava a televisão e ouvia que várias pessoas haviam ido ao mercado fazer compras para estocar mantimentos, era a de que íamos presenciar um apocalipse em breve, até hoje não entendo o motivo do estoque de papel higiênico, aqui onde moro atualmente foi difícil conseguir gás de cozinha por quase um mês. De fato, pensei que a quarentena iria funcionar para uma boa parte das pessoas, pelo menos dessa parte que teve tais reações. Até porque sei que não ocorreria com muitos brasileiros, não porque eles não quisessem aderir a um isolamento social, mas sim por não puderem mesmo. Quando chegou a notícia de que tudo praticamente iria fechar, minha família e a maioria dos meus amigos ficaram preocupados como que se daria esse processo para nós, não demorou muito pra chegar notícias de amigos que perderam empregos, em geral de negócios locais, que quebrariam em poucos dias sem o funcionamento. Minha irmã que trabalha em uma empresa nacional só parou por duas semanas, a empresa alegou que se não voltassem a rotina normal teriam que despedir muitas pessoas. Dessa forma, por mais que seja só ela trabalhando em casa, ela diz voltar para casa todo dia com medo de ter sido infectada já que muitas pessoas não estão aderindo de forma eficaz as recomendações do uso devido da máscara, da lavagem de mãos, da não aglomeração. O sentimento da preocupação é diário em todos nós.

Outra questão que me vem em mente, é a de que quando as pessoas passam por algum período na história estressante como a que estamos tendo, faz com que tenham atitudes estranhas e irracionais, eu mesma pensei que isso nunca aconteceria nos dias atuais em que estamos vivendo, e que caso ocorresse algo, seria a pessoa mais racional e lidaria da maneira mais sensata. Mas ocorreu de modo distinto, ao início da pandemia, fiquei muito preocupada em estar doente, mesmo sem ter tido nenhum sintoma aparente, acredito que somatizei tais preocupações em minha mente, e realmente fiquei doente, comecei a pensar em morte, lamentei não ter aproveitado a vida. Durante aquela semana em que estava doente foi uma tribulação de sentimentos irracionais.

Logo no comecinho do isolamento social, apareceu bastante informações não seguras em grupos de WhatsApp sobre o Coronavírus, principalmente no grupo do coletivo de estudantes indígenas aqui de minha universidade. Para tentar ajudar nesse momento, me juntei a mais dois outros alunos e dois professores da medicina para fazermos um grupo que tinha o

propósito de disseminar informações fidedignas sobre a Covid-19 e as populações indígenas. No começo foi legal porque estava atenta ao que estava acontecendo, divulgava orientações sobre as medidas que deveríamos tomar, porém depois de um tempo quando começou a aumentar o número de mortes entre povos, eu me senti ansiosa, era como se a cada vez que eu fosse buscar uma nova atualização sobre a Covid-19 e saúde indígena, veria dezenas de notícias de perdas.

A cruel dúvida aqui entre nós, era se ficava em São Carlos, e caso ficasse doente, ficaríamos sozinhos, ou se voltava para casa, correndo o perigo de ficar doente no caminho e levando dessa maneira o vírus para nossos lugares. O medo de ficar sozinho foi maior, muitos parentes voltaram para casa.

É difícil tentar colocar em uma ordem cronológica sobre tudo o que aconteceu e está acontecendo, porque tudo está confuso, é um momento estranhamente difícil, principalmente ter de lidar com pessoas que não veem a pandemia como algo perigoso mesmo após a morte de mais de 82 mil em nosso país.

O pior também é ter que lidar com tudo isso, e ainda ter que ouvir de vários colegas da universidade preocupados em terminar o curso no tempo certo, sem pensar o quanto a pandemia afeta a saúde mental. Enfim, a única coisa que quero é que todos possamos passar por esse momento e ao final dessa pandemia que estejamos sãs em todos os aspectos.

5. Principais produções

Desses projetos que participei durante a graduação consegui produzir e participar de grandes trabalhos, inclusive ganhando alguns prêmios. A seguir, coloco algumas dessas realizações.

5.1 Publicações

- a. Artigo Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação. Fruto da pesquisa com estudantes indígenas nos cursos de Medicina em universidades federais do Brasil. Título do artigo: *Mapeamento e experiências de indígenas nas escolas médicas federais brasileiras: acesso e políticas de permanência*. Autores: Luna WF; Teixeira KC; Lima GK.

Link para acesso: <https://www.scielo.br/j/icse/a/KC9Xf74gjTV7z7yWLXOnTTC/>

- b. Capítulo de Livro: Um livro que como o próprio título revela, fala sobre a presença indígena na universidade, sobre como foi a história da presença indígena na UFSCar, a partir do olhar de estudantes indígenas, professores, gestores e formuladores de políticas, contando sobre Políticas, projetos e práticas. Nome do livro: *Indi-age: a presença indígena na universidade*. 1. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. v. 1. 243p. Autores: BRAGA, A. S. LOGAREZZI, A. J. M. SILVA, A. P. CALZOLARI NETO, A. J. MASSI, A. SEGOVIA, B. SEABRA, C. CONTI, C. L. A. REYES, C. R. CALDAS, C. P. TELES, D. R. GUILHERME, E. C. LIMA, E. F. CASTRO, E. M. CALLEGARI, F. V. R. OLIVEIRA, G. H. SILVA, G. D. GONCALVES, G. S. TEIXEIRA, K. C. GARCIA, M. M. ZACARIAS, M. M. F. SOUZA, M. M. CARBOL, M. MARUBO, M. C. OLIMPIO, M. F. , *et al.*

Link de acesso na íntegra: https://www.researchgate.net/publication/345312699_Indi-age_a_presenca_indigena_na_universidade_AUTORES

- c. Relato de Experiência: Por meio do projeto de extensão das Rodas de Conversa sobre Saúde Indígena, aqui na UFSCar, escrevemos a experiência que foi essa atividade para nós, é um projeto que tem uma influência muito grande em nossa formação aqui na universidade, e nesse artigo, nós trazemos como foram essas experiências. Título: *A Saúde Indígena na formação de profissionais de saúde: a experiência das rodas de*

conversa na UFSCar. In: 56º Congresso Brasileiro de Educação Médica, 2018, Vitória - ES. A Saúde Indígena na formação de profissionais de saúde: a experiência das rodas de conversa na UFSCar, 2018. Autores: Sa LUNA, W. F. ; MALVEZZI, C. ; ALMEIDA, D. T. ; **TEIXEIRA, K. C.** ; BEZERRA, V. P.

Link de acesso na integra: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.2-20190309>

5.2 Trabalhos Apresentados

a. 7º Congresso Ibero Americano de Medicina de Família e 16º Congresso Brasileiro (CIMF/CBMFC 2021): Título da apresentação: Indígenas no Ensino Superior: Vivências e Experiências nas Escolas Médicas. Autores: Karla Caroline Teixeira, Willian Fernandes Luna, Eliana Goldfarb Cyrino. Data: 19 a 22 de agosto de 2021.

b. 59º Congresso Brasileiro de Educação Médica (COBEM): Título da apresentação: Racismo E Preconceito Vivenciados Por Indígenas Nas Escolas Médicas: Rodas De Conversa Nas Universidades Federais Brasileiras. Autores: Karla Caroline Teixeira, Willian Fernandes Luna, Eliana Goldfarb Cyrino. Data: 18 a 22 de setembro de 2021.

Anais: <https://website.abem-educmed.org.br/wp-content/uploads/2021/10/59-COBEM-ANAIS-COMPLETO.pdf>

c. IX Congreso Iberoamericano de Investigación Cualitativa en Salud: Título da apresentação: Estrangeiros na Universidade? Narrativas Indígenas nos Cursos de Medicina Brasileiros. Autores: Willian Fernandes Luna, Eliana Goldfarb Cyrino, Karla Caroline Teixeira, Giovana Kharfan de Lima. Data: 13, 14 e 15 outubro de 2021.

d. Grupo de pesquisa Desenvolvimento de Tecnologia em Atenção Primária à Saúde: Apresentação de minha Iniciação Científica com o título: As Experiências De Estudantes Indígenas Nos Cursos Públicos De Medicina No Brasil para o grupo de pesquisa Desenvolvimento de Tecnologia em Atenção Primária à Saúde, do Departamento de Saúde Pública da Universidade Estadual Paulo Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Data: 08 de novembro de 2021.

e. Seminário de Relações Étnico-raciais e a Formação em Saúde: Título da apresentação: Racismo E Preconceito Vivenciados Por Indígenas Nas Escolas Médicas:

Rodas De Conversa Nas Universidades Federais Brasileiras. Autores: Karla Caroline Teixeira, Willian Fernandes Luna, Eliana Goldfarb Cyrino. Organização: Grupo de Pesquisa em Educação Popular em Saúde (GPEPS) e Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal de São Carlos (NEAB-UFSCar).

5.3 Trabalhos premiados

- a. 1º lugar no 7º Congresso Ibero Americano de Medicina de Família e Comunidade e 16º Congresso Brasileiro de Medicina da Família e Comunidade (CIMF/CBMFC 2021), no Eixo 6: Residência, graduação, pós-graduação e pesquisa em Medicina de Família e Comunidade e na Atenção Primária à Saúde, na apresentação oral de Trabalho número 971 – “Indígenas no Ensino Superior: Vivências e Experiências nas Escolas Médicas”.

Link de acesso: <https://www.sbmfc.org.br/noticias/confira-os-trabalhos-premiados-no-cbmfc-cimf-2021/>

- b. 59º Congresso Brasileiro de Educação Médica, apresentado como Apresentação Oral foi avaliado entre os melhores de sua categoria, recebendo menção honrosa, título: Racismo e Preconceito Vivenciados por Indígenas nas Escolas Médicas: Rodas de Conversa nas Universidades Federais Brasileiras.

Link de acesso: <https://cobem.com.br/2021/trabalhos-academicos/>

- c. 2º lugar na Premiação Mérito Científico entre os trabalhos apresentados no III Workshop sobre Saúde dos Povos Indígenas: (Des)confiança entre Saberes e Saúde: Potencialidades e Desafios, PET Conexões de Saberes Indígenas: Ações em Saúde UFSCar (2019).

6. Conclusão

Cursar o ensino superior em uma universidade pública foi uma experiência única. Passei por muitos momentos bons, assim como ruins e, destes, o que serviu para o meu crescimento pessoal e profissional levarei para minha vida, já os demais tentarei não dar importância com o decorrer do tempo.

Quantas coisas aprendidas. E olha que não estou falando somente de conteúdos da graduação, foram aprendizados para a vida toda. Foram muitos os encontros. Encontrei pessoas que me incentivaram a cada dia a ser uma pessoa melhor, a ter um olhar mais humano, e mais preocupado com o próximo. A ser valente quando tinha que ser, a chorar quando tinha que chorar, a sentar e estudar mesmo quando achava que já não tinha forças para estudar, e o principal, a não desistir, mesmo quando achava que já não tinha mais como seguir no curso.

Durante esses anos, percebi que o curso de Medicina da UFSCar melhorou muito e espero que continue evoluindo sempre. Há professores maravilhosos, que se preocupam com o aprendizado dos alunos, tenho vários nomes em mente, mas também há aqueles que acham que a Medicina deve ter um perfil específico de estudantes, onde todos fora deste perfil não devem estar ali, como o caso de um aluno com deficiência física que está passando por situações de preconceito de uma professora que fala abertamente que o lugar dele não é ali. Isso partindo da pessoa que fala que Medicina é um sacerdócio, isso é inacreditável, ainda mais em um curso de saúde, minha denúncia já está feita e espero que venham outras denúncias a mais para que isso não se torne corriqueiro. Desejo imensamente que apareçam mais professores que possuam boa didática, ou que corram atrás dela e que tenham humanidade dentro de si, não apenas finjam.

Enfim, um dos meus objetivos quando iniciei o curso era estudar e, ao sair da graduação, fazer minha tão sonhada residência em Saúde da Família e Comunidade e exercer a profissão em lugares onde sei que é necessário e quase ninguém chega. Encontrei referências boas na Saúde da Família na parte prática aqui no curso. A professora Cecília Malvezzi, incrível como todos os seus pacientes gostavam dela! O professor Leonardo, um cara com um sotaque maneiro, e que é muito bom também no que faz, foi muito bom tê-lo conosco fazendo parte do grupo. Agora nessa reta final do curso, mantenho esses objetivos. Sei que não será da maneira linear como imaginei, já que não consegui fazer as provas de residência devido aos valores das provas nesse final de ano, mas tentarei minha entrada nesse final de 2023. Não

tenho certeza se depois da residência farei algo a mais, como um mestrado, já que tinha o desejo de também fazer um em Gestão em Saúde, mas não o descarto, quem sabe daqui a uns 3 anos. Veremos! Estou ansiosa, e com medo, mas tentarei dar o meu melhor sempre. Agradeço mais uma vez, à minha família, aos amigos, professores, orientadores e todos aqueles que me mantiveram firme e forte nessa jornada!

7. Referências

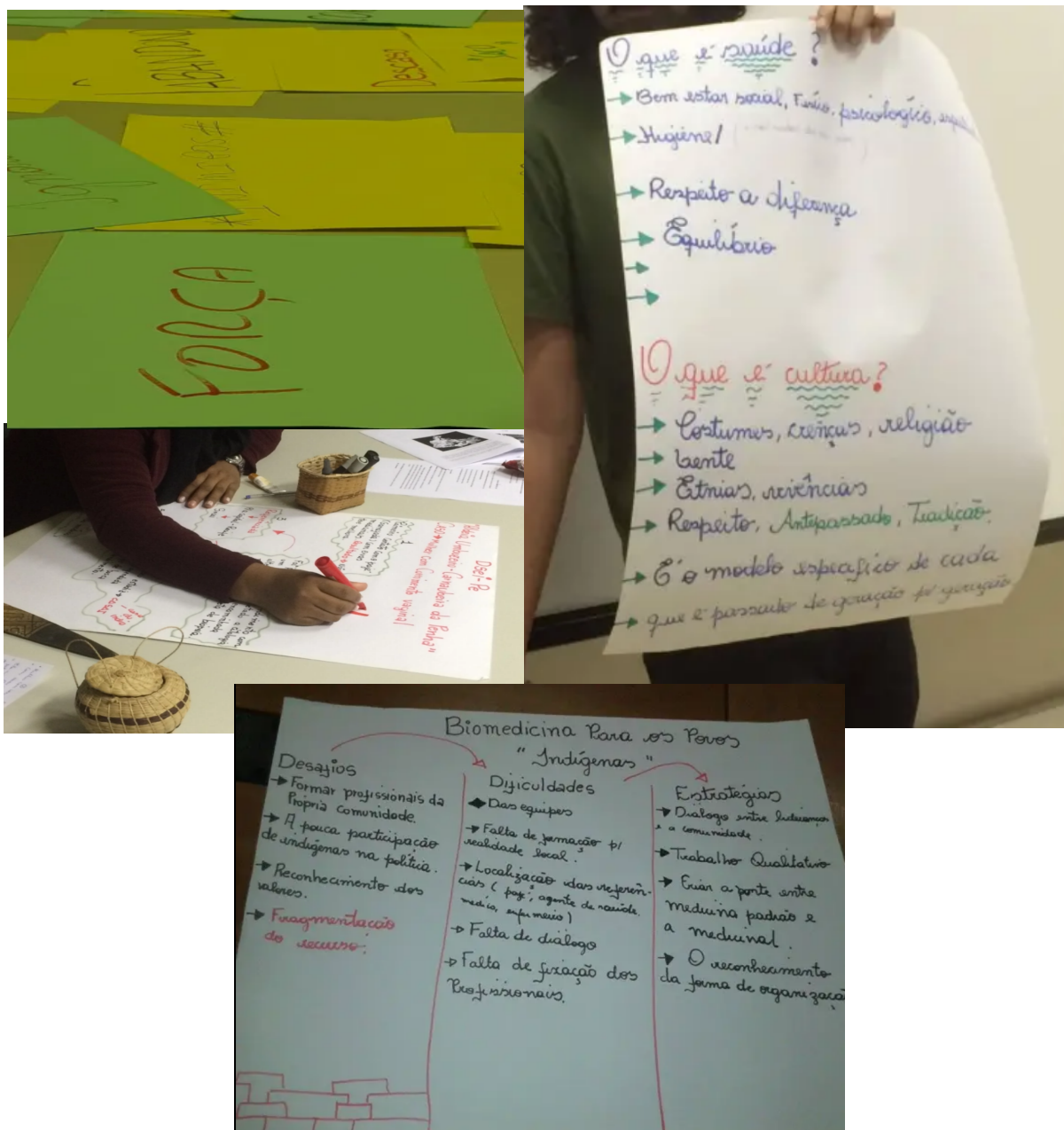
1. Universidade Federal de São Carlos. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Coordenação da Graduação em Medicina. Caderno do Curso de Medicina. São Carlos: UFSCar; 2007.
2. Medicina UFSCar. Curso de Medicina - Projeto Político Pedagógico. 2007.
3. UFSCar, Universidade Federal de São Carlos, 2016. Política de Ações Afirmativas, Diversidade de Equidade da Universidade Federal de São Carlos.

8. Apêndices

Livro que ganhei e citei no ciclo II



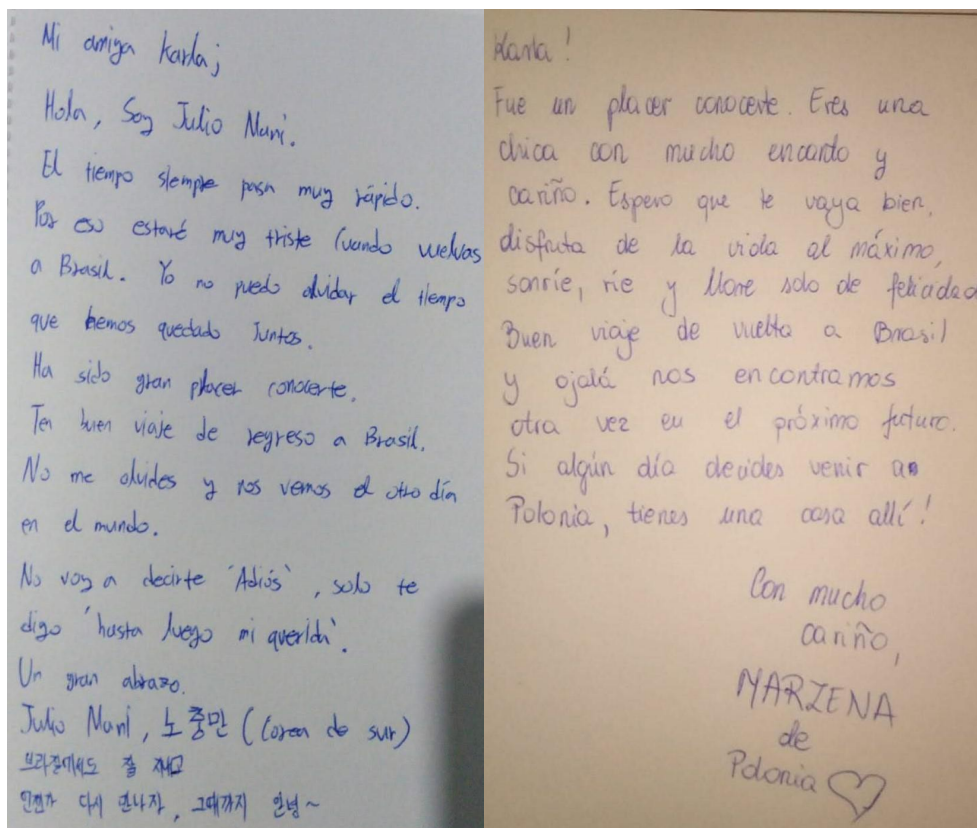
Registros de alguns encontros das Rodas de Conversa



Algumas das chamadas para as Rodas de Conversa:



Mensagens escritas de alguns amigos que fiz durante o período de intercâmbio



Salut Karla!
 Que buena sorpresa fue conocerte en Sevilla, nos conocimos por muy poco tiempo pero no necesito años para saber cuando alguien emite BOENVAS ONDAS! haha.
 Nos vemos dentro de algunos años en cualquier ciudad de Brasil, tu, medica y yo, viviendo allí.
 Un abrazo amiguo!
 8-02-19

Karla te deseo lo mejor en tu futuro, vas a ser una gran medica. Gracias por estar con jumbo en el piso. Has sido la mejor compañera que he tenido. Te alegro y anhelo yika los drones por la edad!! No cambies nunca. eres una persona increíble y te quiero mucho. Espero verte en Brasil en un futuro y me enseñes tu tierra. Gracias por todo.
 Un abrazo, Aigel
 08-02-2019.

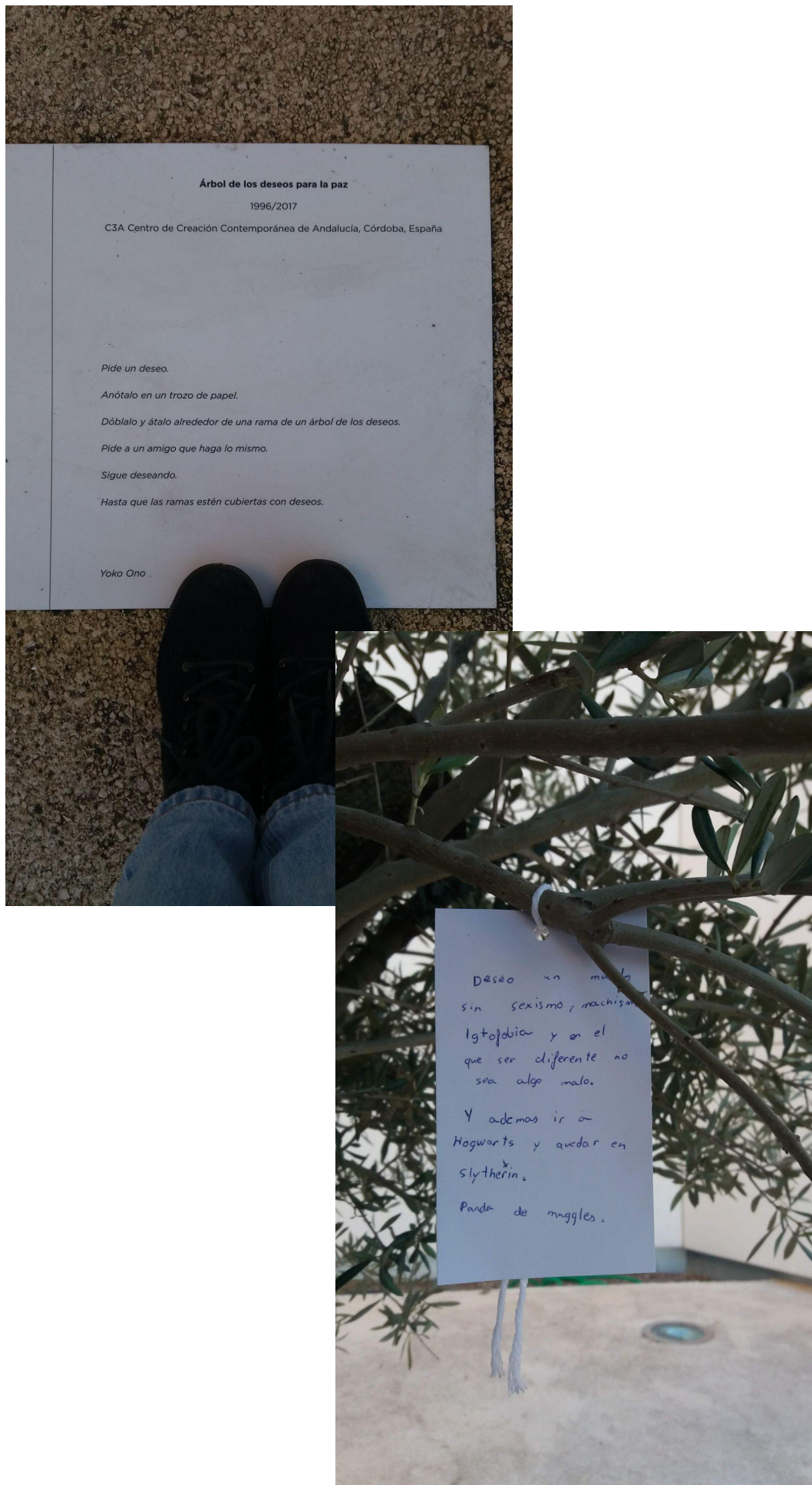
Karlinha 220, en este año me ha gustado poder haberte conocido, me gusta que seas tranquila, aunque ¡chiquilla! un poquito más de energía tampoco te vendría mal. A pesar de todo, espero que tu experiencia aquí haya sido más positiva que negativa. Nos vemos en Brasil. Besos, Teresa
 OBS: no pierdas el año.

Hola Karla
 Como tu sabes te voy a escribir algo de muy hermoso pero en italiano así pues escribiré en español. Durante el mio periodo a Córdoba sono stato molto con te, se stavo come una sorella, mi hai inseguito molto, adesso so tante cose sul Brasile tu è meno che prima ma jappo, ma la cosa bella di te è stata quella che sei una ragazza simplice e molto molto tranquilla, una cosa speciale di giorno d'oggi trovare in una ragazza.
 Resterà sempre nel mio cuore e spero davvero un giorno di rivederti per passare chissà 1-2 settimane insieme magari con le nostre future famiglie.
 Un bacio, Gigi
 Mi manchi.

Reitoria da Universidade de Córdoba



Mensagem vista em uma árvore desejos que reflète o que desejo para o futuro





9. Anexos


RELATO DE EXPERIÊNCIA


Identidade, Cuidado e Direitos: a Experiência das Rodas de Conversa sobre a Saúde dos Povos Indígenas


Identity, Care and Rights: the Experience of Talking Circles about the Health of Indigenous People

Willian Fernandes Luna¹ 

Cecília Malvezzi¹ 

Karla Caroline Teixeira¹ 

Dayane Teixeira Almeida¹ 

Vandicley Pereira Bezerra¹ 

PALAVRAS-CHAVE

- Saúde Indígena.
- Educação em Saúde.
- Aprendizagem Ativa.
- Ensino.
- Estudantes Indígenas.
- Extensão Comunitária.
- Roda de Conversa.

RESUMO

Introdução: Há uma fragilidade histórica na formação dos profissionais da atenção à saúde indígena no Brasil e reconhece-se o despertar da sensibilidade para situações de diálogo entre diferentes culturas como essencial nesse contexto. Assim, surge em 2016 o projeto de extensão “Rodas de Conversa sobre a Saúde dos Povos Indígenas”, criado numa parceria entre professores de Medicina e estudantes indígenas do Programa de Educação Tutorial Indígena – Ações em Saúde, da Universidade Federal de São Carlos. **Método:** Este é um relato sobre os três anos dessa experiência, tendo sido construído a partir de uma análise documental de abordagem qualitativa. Os objetivos foram resgatar os temas e conteúdos desenvolvidos e discutir as vivências, as perspectivas e os diálogos desse espaço de encontro. Ao longo do texto há descrição das atividades realizadas e reconhecimento de suas potencialidades e seus limites. **Resultados:** Com base nos círculos de cultura e instrumentos de metodologias ativas de ensino-aprendizagem, os encontros trataram de temas relacionados à saúde indígena, aqui agrupados em três categorias: identidade, cuidado e direitos indígenas. O formato em rodas de conversa possibilitou a construção de saberes no campo da saúde indígena relacionados às diferentes culturas, às políticas de saúde específicas e às concepções do processo saúde-doença, propiciando aproximação inicial com o contexto de saúde indígena no Brasil. Adicionalmente, proporcionou um espaço com protagonismo indígena que ousou apontar para olhares inovadores sobre questões identitárias e compreensões de saúde, doença e processos de cura, levantando inclusive epistemologias intrínsecas a essas populações. **Conclusões:** A partir do diálogo entre diferentes atores, foi possível despertar o interesse dos participantes para especificidades étnico-culturais e dar visibilidade à presença dos indígenas na universidade. Além disso, pode ser um primeiro passo para a construção de disciplinas interdisciplinares optativas e a inserção da temática nos currículos de graduação na área da saúde.

Dossiê

Raça, etnia, gênero: experiências na formação em saúde

Mapeamento e experiências de indígenas nas escolas médicas federais brasileiras: acesso e políticas de permanência

Access and retention policies for indigenous people in Brazilian federal medical schools: mapping and experiences (abstract: p. 19)

Mapeo y experiencias de indígenas en las escuelas médicas federales brasileñas: acceso y políticas de permanencia (resumen: p. 19)

Willian Fernandes Luna^(a)

<willianluna@gmail.com> 

Karla Caroline Teixeira^(b)

<kcarolinet@gmail.com> 

Giovana Kharfan de Lima^(c)

<giovanakharfan@gmail.com> 

^(a) Departamento de Medicina, Universidade Federal de São Carlos (Ufscar), Rodovia Washington Luis, km 235, São Carlos, SP, Brasil. 13565-905.

^(b,c) Graduanda do curso de Medicina, Departamento de Medicina, Ufscar. São Carlos, SP, Brasil.

A trajetória do ensino superior no Brasil é marcada pela restrição ao grupo privilegiado da população, com exclusão de pessoas indígenas. Nas últimas duas décadas, ações afirmativas foram desenvolvidas e possibilitaram o acesso de alguns indígenas às graduações de Medicina. Objetivando-se mapear e conhecer as experiências desses estudantes nas universidades federais brasileiras, desenvolveu-se uma pesquisa exploratória, quanti-qualitativa. Foram identificados 192 estudantes indígenas em 43 escolas médicas no ano de 2019. Dessas, 14 foram visitadas, realizando-se entrevistas narrativas com 24 indígenas estudantes de Medicina. Na análise temática de conteúdo emergiram experiências narradas pelos estudantes com foco em duas categorias: acesso à escola médica e políticas de permanência nas instituições. Ao conhecer as experiências desses estudantes no meio universitário, torna-se possível contribuir para sua permanência nos cursos, superando a invisibilidade e oportunizando trajetórias que correspondam às expectativas dos povos indígenas na formação médica.

Palavras-chave: Ações afirmativas. População indígena. Educação de graduação em Medicina. Instituições de ensino superior. Política de educação superior.

Luna WF, Teixeira KC, Lima GK. Mapeamento e experiências de indígenas nas escolas médicas federais brasileiras: acesso e políticas de permanência. *Interface* (Botucatu). 2021; 25: e200621
<https://doi.org/10.1590/interface.200621>



Apresentação

Esse livro é fruto do encontro entre vários agentes e agências que vêm transformando num fato o que, até a algumas décadas, era um evento localizado, ou seja, a presença indígena nas universidades brasileiras. Data de 1999 o primeiro encontro, no território da Universidade Federal de São Carlos, entre indígenas, docentes e administração. Eram integrantes do povo Kalapalo que pediam ajuda para a Profa. Dra. Marina Denise Cardoso, antropóloga que dedicou sua vida acadêmica ao estudo da saúde indígena, para, entre outras demandas, serem alfabetizados em português, uma vez que as conquistas registradas na Constituição Cidadã de 1998 trariam a eles desafios de contato e negociação com não-indígenas. Naquele momento, ambas as organizadoras desse livro envolveram-se nos diálogos sobre a alfabetização em português. De tais encontros, nasceu a circulação de kalapalos na UFSCar, tanto para a venda de seu artesanato, quanto pela fixação de algumas famílias na cidade de São Carlos. Mas, o território da universidade continuava a ser apenas um território de visita para aquele povo.

Ao longo de uma década, mobilizadas em torno do direito à educação, lideranças tradicionais indígenas negociaram em diferentes setores sociais o ingresso em universidades como parte deste direito. Tradicionalmente voltadas para os cursos de licenciatura multicultural, algumas universidades brasileiras passaram a receber diferentes povos, formando-se, assim, também lideranças indígenas acadêmicas. A UFSCar entrou nessa história em 2008, com a concretização do trabalho de uma comissão multicêntrica liderada pela Profa. Drª Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. A reserva de vaga específica, com seleção de ingresso também específica marcaria o começo da história da presença indígena no território da UFSCar, agora não mais como visitantes, mas como estudantes dos diferentes cursos ofertados por ela.

